

2 A sexualidade feminina em psicanálise: monismo fálico em questão?

Nosso interesse consiste em nos debruçar sobre o percurso freudiano no que diz respeito à formulação do conceito de sexualidade feminina e do conceito de feminilidade, buscando percorrer suas diferentes linhas de desenvolvimento para, a partir daí, apontar as diferentes interpretações, como também as ambigüidades e contradições presentes no seu discurso.

A concepção freudiana sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina – desde sua origem – causou muitas controvérsias e discussões na comunidade psicanalítica. Na época, vários psicanalistas discordaram da posição de Freud e vislumbraram outros caminhos para pensar este tema. Não é nosso objetivo enveredar por essa discussão, mas apontar que, desde o início do percurso freudiano até os dias de hoje, a questão do feminino têm sido alvo de intensa discussão e produção teórica por parte dos psicanalistas, o que torna esse debate rico e instigante. Nossa proposta então é enveredar pelo caminho teórico proposto por Freud, indo ao encontro dos diversos ensaios em que se discute essa temática, estabelecendo um diálogo com psicanalistas na atualidade, com o objetivo de apresentar novas formas de se conceber a experiência da feminilidade no campo da subjetivação.

Em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud apresentou uma grande novidade ao afirmar a existência da sexualidade infantil e ao formular o conceito de pulsão. Isto causou muita polêmica na época por retirar as crianças do universo de ingenuidade sexual, introduzindo, assim, a idéia de que pulsão sexual estaria presente desde sempre no corpo infantil, e se manteria por meio das atividades auto-eróticas, perverso- polimorfos nas diversas zonas erógenas do infante. Ao pesquisar sobre o desenvolvimento da sexualidade nas crianças, Freud teve por referência o modelo do menino, propondo, por um bom período de tempo, uma perfeita simetria no desenvolvimento sexual infantil do menino e da menina. Concebeu a sexualidade das crianças como sendo uma atividade auto-erótica, idêntica em ambos os sexos, possuindo um caráter

inteiramente masculino, o que significa que não haveria nenhuma diferença sexual na infância. Sob esse prisma, considerou a menina um homenzinho em suas atividades auto-eróticas (*ibid*, p.207). Em 1915, em acréscimo aos seus *Três Ensaios*, Freud concebeu, como sendo uma das primeiras teorias sexuais infantis, a suposição do monismo sexual para todos os indivíduos; isto é, as crianças só reconheceriam um único órgão, o masculino, ignorando por completo a existência da vagina até a chegada da puberdade. Com efeito, para Freud, no psiquismo infantil não haveria uma diferenciação entre os sexos. No entanto, já nos seus *Três ensaios*, constatamos uma contradição em suas formulações, pois, apesar de relatar a sexualidade das meninas na infância com caráter inteiramente masculino, apresenta disposições femininas cujas preferências se dão pela forma passiva e pelo desenvolvimento de inibições da sexualidade como vergonha, nojo e compaixão que ocorreriam mais cedo e com menor resistência nas meninas do que nos meninos (Freud, 1905, p.206).

Nesse sentido, ainda que se refira às diferenças de traços de personalidade entre meninos e meninas, Freud mantém sua posição em *Organização genital infantil* (1923) e, ao formular a fase fálica da sexualidade, define o monismo sexual:

ela (fase fálica) consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo (Freud, 1973, [1962], p.114)

A novidade, portanto, está em não se tratar de uma dominância dos órgãos sexuais, mas do falo. Na concepção freudiana, as crianças teriam a crença de que todos os seres humanos possuiriam pênis/falo e, com relação às meninas, o seu homólogo seria o clitóris que, inicialmente, suporiam crescer. Gradativamente, entretanto, as crianças perceberiam que o pênis na verdade não estava lá, e a ênfase passava a ser dada à falta ou à possibilidade de falta do órgão. Elas suporiam então que o pênis estivera um dia presente no corpo das meninas e que lhe fora retirado. Desta forma, a antítese passa a se dar entre ter o falo e ser castrado, dialética vivenciada de diferentes formas pelos meninos e meninas, ligadas então ao complexo de castração.

É nesse ensaio que Freud vincula a fase fálica ao complexo de castração, na medida em que a idéia de perda passa a estar vinculada aos órgãos genitais masculinos (fantasia dos meninos). Já as meninas observam a presença do pênis nos meninos, e logo “o identificam com seu correspondente órgão pequeno e imperceptível e, em decorrência dessa situação, caem vítimas da inveja do pênis” (Freud, 1925, p.313). A constatação de que não possuem o pênis/falo produz, para Freud, uma ferida narcísica incontornável, que provocará o sentimento de inferioridade na mulher. Assim, diante da constatação de sua falta e da conseqüente “inveja”, a menina sai em busca de uma compensação, vindo a percorrer caminhos diversos no tocante ao desenvolvimento de sua sexualidade. Nesse sentido, nas palavras de Freud, “Ela viu, sabe que não tem e quer tê-lo” (Freud, 1925, p.314), será a expressão que melhor caracteriza o motor de funcionamento do psiquismo feminino, sua marca fundamental. A partir desse ensaio, então, as características da falta e da inveja ganham relevância e se tornam constitutivas da subjetividade feminina na medida em que se encena a problemática da castração.

Em *Dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud desenvolve ainda mais o seu pensamento e correlaciona também o complexo de Édipo à fase fálica e ao complexo de castração. Isto significa que o complexo de Édipo envolve uma rede complexa de elaborações, resultado de um mecanismo psíquico que leva as crianças a recalcarem seus próprios desejos e fantasias sexuais dirigidos aos seus genitores, em que estão em questão as operações em torno do falo. Com isso, a ameaça de castração passa a funcionar como ponto chave para ocasionar a destruição do complexo de Édipo, bem como o término da fase fálica. No entanto, Freud refere-se à descrição deste processo se baseando exclusivamente na criança do sexo masculino. Com relação às meninas afirma: "nosso material por alguma razão incompreensível torna-se muito mais incompreensível e cheio de lacunas" (Freud, 1924, p.222). Por esse caminho, esse autor se interroga como se daria a relação entre a ameaça de castração e o complexo de Édipo nas meninas, acrescentando uma diferença fundamental entre ambos, na medida em que a primeira aceitaria a castração como um fato consumado, enquanto que o menino temeria a possibilidade de sua concretização. A partir desse ponto, conclui que enquanto o menino sai do complexo de Édipo devido à ameaça de castração, para a menina essa última seria pré-condição para a entrada no Édipo.

Nesse ensaio, Freud ainda acredita que o complexo de Édipo das meninas seria mais simples. Dessa maneira, bastaria para elas assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina com o pai. As mudanças decorrentes dessa situação viriam muito mais de uma intimidação proveniente do exterior que acarretaria na menina o medo da perda do amor, com a conseqüente renúncia ao objeto amoroso. A resolução do Édipo se daria através do abandono das catexias objetais, substituindo-as por identificações, por meio das quais se introjetaria a autoridade dos pais no ego, formando a partir daí o núcleo do superego, lugar psíquico em que se atesta a consciência e a moralidade (1924, p.221). Com esta operação, as tendências libidinais inerentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, transformando-se em impulsos de afeição.

O complexo de Édipo articulado ao complexo de castração possui um caráter simbólico no desenvolvimento da sexualidade infantil em que estão em jogo os processos de identificação e da diferença sexual. Estas não estão estabelecidas *a priori*, exigem um trabalho psíquico em direção ao processo de tornar-se homem ou mulher. A formulação freudiana tem por base os efeitos subjetivos da diferença anatômica concebido em torno do falo, colocando em destaque os efeitos inconscientes produzidos no psiquismo pela diferença anatômica entre os sexos. Ainda que Freud tenha trabalhado com as conseqüências psíquicas e não com a fisiologia sexual feminina em si, tinha por fundamento a superioridade masculina, representada por meio do atributo fálico; isto é, o homem seria considerado superior devido à posse do órgão, enquanto a mulher, devido à sua falta, seria considerada inferior.

Assim, apesar de o complexo de Édipo referir-se a um processo, a uma travessia, a mulher permaneceria eternamente marcada pela posição da falta e da inveja. Birman (2001, p.22) indaga-se o porquê de o pênis, inicialmente concebido por Freud como um objeto parcial, inscrevendo-se na série de equivalência (seio, fezes, bebê), veio a ocupar um lugar de destaque no campo dos objetos, alcançando a posição de valor absoluto em relação à questão da diferença sexual. Face a essa visão, a concepção freudiana acabou por promover a idéia de uma hierarquia natural entre os sexos, caucionada por uma visão essencialista da sexualidade. E, nesse sentido, o pensamento freudiano corroborou para a perpetuação do pensamento cultural ocidental que posiciona a mulher como um ser inferior em relação ao homem.

No entanto, Freud, ao longo de suas formulações, percebeu suas limitações em relação ao estudo da sexualidade feminina na medida em que, em diferentes ensaios como *Psicogênese de um caso de homossexualismo em uma mulher* e *O ego e o id*, foram aparecendo questões ligadas à relação entre a escolha do objeto, à natureza biológica e ao processo de identificação, os quais levantaram inúmeros problemas (Nunes, 2000, p.185). Em *O ego e o id* (1923), Freud revela que a travessia edipiana envolve um processo complexo, pois engloba, além do caráter triangular próprio da situação edipiana, a questão da bissexualidade originalmente presente nas crianças, o que em geral torna difícil ter uma clareza sobre as escolhas primitivas de objeto e sobre o processo de identificações. Além disso, devido à bissexualidade, o complexo de Édipo apresenta um aspecto dúplice (positivo/masculino e negativo/feminino), o que equivale dizer que o menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente com o pai e uma escolha afetuosa em relação à mãe; ele também deseja tomar o lugar de sua mãe e tornar-se objeto de amor de seu pai. Ainda que Freud se refira à questão da bissexualidade em relação a ambos os sexos, seu exemplo gira em torno do percurso do menino.

Somente *Em algumas conseqüências psíquicas das diferenças entre os sexos* (1925) dá uma nova guinada em suas formulações ao constatar a especificidade do percurso das meninas. Dá-se conta de que as coisas não eram tão simples assim para elas. A grande viravolta está em desvendar que este intenso e apaixonado amor pelo pai é precedido de uma outra relação amorosa: trata-se da tardia descoberta de que a mãe seria o objeto original de amor para ambos os sexos.

O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. (Freud, 1931, p.259)

Nesse momento, Freud pôde olhar de maneira peculiar para a história das meninas e apontar para um momento pré-edipiano de grande intensidade, apresentando uma ligação original à mãe que ocupa um período de duração bastante longo. Não se trata, conforme enfatiza Fuks, no prefácio de *Freud e a mulher* (Assoun, 1997), da importância afetiva da relação da mãe com a filha – isso todos sabemos – mas de algo mais radical, de uma “*paixão primitiva que fica marcada pela vida afora*” (p.XI), sendo responsável por deixar traços indelévels

na história psíquica das meninas. Com efeito, a grande contribuição freudiana está em redirecionar o foco de luz para a relação mãe-filha, enquanto uma fase rica que trará conseqüências cruciais no desenvolvimento da sexualidade feminina, como bem anunciou Freud, por meio da apresentação da metáfora da civilização “miceana” no ensaio “Sobre a sexualidade feminina” (1931):

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-ediapiana, nas meninas nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micéniana por detrás da civilização da Grécia (Freud, 1931, p. 260).

A descoberta da ligação inicial com a mãe chega a Freud como uma surpresa que o impressiona, dando-lhe abertura para pensar em um outro campo, original, que o leva a questionar a origem da neurose e a própria formação do complexo de Édipo, apontando para as fixações e repressões que comportam essa fase inicial. Mesmo de forma obscura, Freud traz algumas suposições como a idéia de que essa fase de ligação com a mãe estaria relacionada à origem da histeria (acredita que tanto essa fase quanto a neurose seriam caracteristicamente femininas) e acrescenta ainda que, na dependência com a mãe, encontra-se o germe da paranóia posterior das mulheres que se manifesta por meio do medo muito comum de ser morta por ela. Para ele, esse medo aparece como uma conseqüência das restrições impostas pela mãe, no decorrer do treinamento e cuidado corporais, momento em que o mecanismo de projeção é favorecido pela precocidade da organização psíquica da criança. A questão que nos suscita é, por que apesar de perceber a importância dessa fase inicial, Freud vislumbra exclusivamente um conteúdo negativo nela? Será que nessa fase não há nenhum aspecto positivo?

Buscando positivar esse momento inicial e em consonância com a leitura de outros psicanalistas (Birman, 1999; Arán, 2000; Néri, 1999), pensamos então na relação da mãe com o filho e nos cuidados dedicados a ele como um momento que envolve a experiência do feminino positivamente qualificada. Temos conhecimento do estado de prematuridade do bebê e da necessidade do outro para a garantia de sua sobrevivência. A espécie humana é a mais frágil de todas e a que exige um longo período de cuidado pelo outro para o desenvolvimento da criança. Os cuidados da mãe constituem, então, um investimento primordial, instrumento

essencial e indispensável à sobrevivência do bebê, por onde se introduz a sexualidade em sua vida. Nesse sentido, as crianças não vivem apenas em um universo lúdico, estão, além disso, totalmente mergulhadas no erotismo inaugurado na relação da mãe com o bebê. No entanto, é importante explicitar que o jogo erótico é perpassado pelo universo da fantasia. Com base nisso, destacamos a referência freudiana a respeito da fantasia de sedução que ocorre na pré-história pré-edípica das meninas:

Aqui, a fantasia de sedução toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina (1933, p.121).

Esses cuidados deflagram o processo de libidinação no corpo da criança, no qual se localizam as diversas zonas erógenas passíveis de estimulação, que provocam sensações de prazer. Essas regiões são mais facilmente encontradas em sua superfície por estabelecerem as relações entre o dentro e o fora do corpo, como é o caso da boca, do ânus, etc. Essas, porém, não são as únicas zonas erógenas, o corpo como um todo é passível de erogeneidade, necessitando, contudo, do outro para mediar a sua satisfação. Nesse sentido, concordamos com Birman (1999), que qualifica positivamente a sedução, na medida que é responsável pela inscrição da sexualidade no corpo infantil, o que possibilita o desenvolvimento da criança.

Importante ressaltar a perspectiva freudiana de que a menina não é vista como um puro objeto diante dos olhares sedutores da mãe, mas interage neste rico diálogo e faz valer sua participação em manifestações orais, anais e até fáticas. Freud ainda refere-se à tendência da criança de produzir uma reação ativa diante de uma situação passiva, como também ao tipo de ligação presente na relação mãe-filha. No entanto, não leva às últimas conseqüências sua grande descoberta por onde se refletiria a experiência da feminilidade. Pelo contrário, ao invés de buscar “decifrar essa gramática da cultura mino-micênica da feminilidade que desregra a sintaxe edípica” (Assoun, 1982 apud Néri, 1999), persiste no modelo fálico-edípico ao vislumbrar essa fase inicial enquanto um complicador na estruturação do Édipo. E também ao justificar a separação da menina de sua mãe pela principal hipótese de decepção, por não tê-la aparelhado de tão precioso órgão. Conclui

então ser esta razão pela qual a menina se volta para o seu pai na esperança de que ele lhe dê o que a mãe lhe privara, como podemos destacar nesta passagem apresentada claramente em 1933:

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai (Freud, 1933, p.128).

Contudo, para que a menina alcance um destino feminino em sua sexualidade é necessário a realização de uma substituição, como podemos constatar na continuidade dessa passagem:

No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica (Freud, 1933, p.128).

Nesse sentido, o encontro do caminho para a forma feminina do complexo de Édipo se dá por intermédio do deslizamento da equação simbólica em que a menina substitui o desejo de um pênis pelo desejo de um bebê de seu pai. Para sumarizar este percurso tão complexo, concluímos que a menina, sob o signo da inveja do pênis, afasta-se de sua mãe com o sentimento de hostilidade por não tê-la aparelhado do precioso órgão (nem possui-lo), voltando-se para o pai em uma demanda fálica, realizando a equação simbólica freudiana (pênis=bebê). Por esse caminho, a menina se vê então obrigada a renunciar à masturbação clitoriana e à mãe, como objetos de investimento, na busca de alcançar um destino feminino para sua sexualidade. Dessa forma, Freud indica a necessidade da realização de duas trocas: a primeira de zona erógena – a substituição do clitóris (modo ativo de satisfação pulsional) pela vagina (substituição pelo gozo passivo). E a segunda de objeto de amor – da mãe para o pai –, sendo estas duas trocas os pressupostos para atingir a condição feminina da sexualidade.

Nesse sentido, destacamos que o percurso exigido à menina – a partir do reconhecimento de sua castração – não é tão simples, pois a partir desse ponto vislumbram-se três linhas possíveis de desenvolvimento para sexualidade da mulher. A primeira se caracterizaria pela inibição da sexualidade como um todo: a menina, ao renunciar às atividades masturbatórias e ativas do clitóris, repudiaria o seu amor pela mãe e acabaria por recalcar boa parte de suas inclinações sexuais –

fator que se estenderia para outros campos. Já a segunda linha levaria a menina a aferrar-se em seu complexo de masculinidade: sem querer abrir mão de sua satisfação, apegar-se-ia à atividade clitoridiana, insistiria nesse comportamento apesar das recriminações e refugir-se-ia em uma identificação com a mãe fálica ou com seu pai (Freud, 1933, p.129). Assim, a menina marcada pela inveja do pênis insistiria na esperança de obtenção de um pênis que a tornaria definitivamente masculina. Por fim, seria por meio da terceira linha que a menina alcançaria a atitude feminina normal. Ao renunciar à atividade clitoridiana/masculina, ela seria envolvida por uma onda de passividade que lhe permitiria tomar o pai como objeto amoroso, substituindo o desejo de um pênis pelo desejo de um filho. Então, no percurso da menina em "tornar-se mulher", a maternidade seria o modo de alcançar a feminilidade normal, ou seja, nessa concepção, a assunção da feminilidade é sinônimo de maternidade.

Em suma, na versão freudiana, a menina primeiramente vive sua sexualidade de modo masculino. As principais ocorrências genitais da infância se dão em relação ao clitóris. Em uma segunda fase, no entanto, na busca do caráter especificamente feminino da sexualidade, dá-se a migração da excitação para a vagina (a verdadeira zona erótica feminina). Nesse contexto, Laqueur (2001) comenta a formulação freudiana sobre o processo da menina de tornar-se mulher, apontando que o autor teria herdado duas tradições do pensamento ocidental. A primeira seria representada pelo modelo Galênico, modelo de um único sexo onde a ordenação do que é homem e mulher se faz de acordo com o grau de calor, e segundo o qual o masculino seria superior devido a uma maior quantidade de calor. E a segunda representaria o pensamento moderno sobre a diferença sexual, apontando para uma visão essencialista, fruto da herança freudiana do Iluminismo. O autor salienta assim o pano de fundo histórico e cultural que fundamentou o pensamento freudiano, criticando a problemática do processo da menina rumo ao tornar-se mulher, e especificamente, a onda de repressão a que é submetida que afeta sua sexualidade clitoridiana e promove a migração do seu investimento para a vagina, considerado o verdadeiro órgão de gozo feminino. Laqueur afirma que, desde o século XVII, já havia o conhecimento médico, demonstrando o clitóris como uma zona carregada de terminações nervosas e sua diminuição da vagina e, que apesar desse material estar disponível em qualquer manual do século XIX, Freud ainda assim inventou o gozo vaginal. Desta forma, e

como sugere Laqueur, a narrativa freudiana refere-se a uma narrativa cultural disfarçada em anatomia: “A história do clitóris é uma parábola da cultura, de como o corpo é criado de uma forma valiosa para a civilização apesar, e não por causa de si próprio” (2001, p.281). Portanto, o tornar-se mulher freudiano refere-se ao caminho “[d]a menina tornar-se o ideal burguês da mulher vienense” (Laqueur, 2001, p.287). É nesse sentido que vários psicanalistas da atualidade vêm destacando o quanto a teoria da feminilidade freudiana foi construída tendo como representante histórico e social o cenário da Modernidade, no qual as mulheres seriam incumbidas da tarefa da maternidade enquanto um dom natural – a vocação feminina por excelência. Com Freud, a menina cederia do gozo clitoridiano, em prol do gozo vaginal, por onde iria ao encontro da experiência da maternidade. Essa seria a travessia feminina rumo ao encontro da feminilidade que se expressaria por meio da maternidade. Nessa visão, teríamos de um lado a masculinidade composta pelas noções de sujeito e atividade enquanto a feminilidade encamparia as noções de objeto e passividade, e a vagina representaria o lugar de abrigo do pênis (objeto passivo) (Freud, 1923, p.184).

Convém destacar que, em torno dos anos 30, Freud retoma a problemática da feminilidade, publicando sua famosa conferência em 33, em que finalmente abre mão de pensar a coincidência de masculinidade com atividade e de feminilidade com passividade, a qual tinha sido formulada ao longo dos anos, mesmo com inúmeras restrições, colocando-a como inadequada e apontando que, muitas vezes, é necessária uma grande dose de atividade para se alcançar fins passivos. Com isto, Freud introduz uma nova perspectiva em que a feminilidade não estaria mais diretamente associada à passividade, apontando o quanto essa associação poderia ser problemática e despertando, assim, para a maior abrangência que envolveria essa temática. No final de sua conferência, retrata então seu saber sobre a feminilidade como incompleto e fragmentário, evocando a própria experiência dos sujeitos ou sugerindo buscar esse saber junto aos poetas na busca de uma resposta mais completa.

Em 1937, no final da obra “*Análise terminável e interminável*”, refere-se à feminilidade, aproximando agora este conceito teórico do complexo de castração. Retrata então a existência de duas resistências que colocam o analista frente a uma enorme quantidade de trabalho, sendo um deles tão característico do homem quanto o outro da mulher. Nela, a resistência corresponderia à inveja do pênis e a

um esforço para possuir um órgão genital masculino, enquanto que no homem se apresentaria pela luta contra uma atitude passiva ou feminina frente a outro homem. Ainda que houvesse uma dessemelhança em seu conteúdo, Freud retrata uma enorme correspondência entre eles, acrescentando que o que seria comum nos dois casos teria sido precocemente denominado pela psicanálise de complexo da castração, mas agora acredita que repúdio da feminilidade seria a descrição mais correta dessa característica da vida psíquica dos seres humanos (Freud, 1937, p.285). Dentro desse contexto, a feminilidade aparece como uma outra maneira de se referir à experiência da castração, sendo também reconhecida como uma característica presente na vida psíquica tanto de homens quanto de mulheres. Nunes (2000, p.231) aponta para o fato de que seria por meio do repúdio da feminilidade que os dois sexos se defenderiam do que Freud denominou de castração, sendo que a aceitação da feminilidade equivaleria à aceitação da castração. Marca-se aqui uma diferença, pois ao longo dos anos 20 o pensamento freudiano estava voltado para o estudo do desenvolvimento da sexualidade feminina, em que um dos destinos possíveis seria o alcance da feminilidade. Em 1937, há uma nova formulação na medida em que a feminilidade se aproxima da problemática da castração, estando então ligada à própria condição de sujeito. Dentro dessa perspectiva, Freud refere-se à existência de um grande obstáculo no tratamento analítico, que seria representado pelo desejo de um pênis e o protesto masculino, ambos tendo penetrado na vida psíquica, e alcançando o lugar de uma barreira. Assim, na versão freudiana o repúdio da feminilidade se apresenta como uma espécie de limite biológico da condição humana (Freud, 1937, p.237). Birman (1999), ao comentar essa formulação segundo a qual a feminilidade aparece como um limite do psiquismo inscrito na fronteira com a ordem biológica, supõe a possibilidade de encontrar um outro fio interpretativo, concebendo a feminilidade, então, como originária do psiquismo; isto é, a categoria de feminilidade passa a referir-se a um registro anterior à ordenação da subjetividade calcada no referencial fálico.

2.1. A nova cartografia da feminilidade

Assim, a partir da idéia freudiana de repúdio da feminilidade cria-se, no apagar das luzes da obra freudiana, uma brecha que possibilita uma outra leitura

no que diz respeito ao estatuto do feminino em psicanálise, que foi aproveitada por psicanalistas contemporâneos. É nesse sentido que Birman (1999, 2001) critica a suposta barreira biológica postulada por Freud, como também a impossibilidade de ultrapassá-la. Dessa forma, seu trabalho consiste em levantar o véu dessa posição negativizada em relação à experiência da feminilidade apresentada por Freud, e pensá-la como uma outra maneira de se referir à subjetividade em que se abre mão do referencial fálico. Assim, propõe uma outra interpretação, enfatizando as diferentes gramáticas do erotismo presentes no processo de subjetivação e possíveis de serem abordadas pela psicanálise.

Não obstante o fato de ter sido este conceito enunciado de maneira indireta, oblíqua e negativa, a feminilidade nos permite nas entrelinhas outro ponto de partida para a leitura do sujeito em psicanálise. Uma crítica da sexualidade, interpretada como fundada no falo, enuncia-se aqui. Seria preciso dar a tudo isso uma positividade, contudo, que o discurso freudiano de fato não enunciou. É preciso, portanto, retirar radicalmente todas as conseqüências disso. Enfim, seria preciso tecer agora uma releitura do discurso freudiano, considerando o enunciado do conceito de feminilidade como originário e fundamento do sujeito (Birman, 2001, p.230).

Birman (2001) realiza então uma reviravolta interpretativa na medida em que a princípio, na psicanálise, a masculinidade estaria na origem pela postulação do monismo fálico, mas, de acordo com sua nova proposta, agora, essa origem seria deslocada para a “posição estratégica da feminilidade” (p. 226), entendida como o solo da origem psíquica, momento em que o falo não é referência. Essa seria a novidade que despontou no discurso freudiano sobre a feminilidade como originária, sendo a organização fálica uma derivação ou uma forma de ocultar o registro anterior. Portanto, a concepção monista fálica da sexualidade se faria em oposição à feminilidade e como uma recusa a esta.

Esta nova abordagem implica, segundo Birman (2001), na inversão do modelo ocidental que, desde a Antiguidade, tinha por referência o masculino como originário. Toda a tradição do pensamento ocidental tinha por base a idéia de perfeição ligada ao ser humano, tendo como modelo o sexo masculino. Com essa inversão, o ser humano em sua origem seria imperfeito, como podemos vislumbrar nessa passagem:

A ordem humana seria, portanto, imperfeita como origem, pretendendo recusar sua imperfeição pela recusa da feminilidade. Além disso, reconhecer a

imperfeição e a feminilidade como origem seria, em contrapartida, afastar definitivamente nossa fundação em Deus e no Cosmos, que estaria representada na inscrição anterior da masculinidade como originário. (Birman, 2001, p.227)

Mais adiante:

No mundo desencantado da modernidade e permeado pela morte de Deus, a condição humana se reconhecera finalmente pela imperfeição e pela finitude. Por essas marcas fundamentais é que o feminino agora estaria na origem do mundo, isto é, no território fundante da nossa subjetividade. (Birman, 2001, p.228)

Birman (2001) ressalta ainda que a subjetividade calcada no modelo fálico, tendo o masculino como origem, seria a base da sociedade patriarcal ocidental e dos diferentes arranjos que compuseram as ordens do público e do privado ao longo dos séculos. Esses arranjos se organizaram de acordo com interesses de ordem política e econômica que, na maioria das vezes, excluíram a mulher do acesso à ordem do público (sinônimo de político), sendo ela considerada como imperfeita e de menor valia para ocupar esse lugar. Assim, ao trabalhar nas entrelinhas do discurso freudiano, sugere, então, a feminilidade como uma crítica radical ao patriarcado. Dentro desta perspectiva, realiza uma costura singular de determinados conceitos na tentativa de configurar a experiência da feminilidade. Em sua hipótese utiliza-se de conceitos psicanalíticos como pulsão, erotismo, sexualidade perverso-polimorfa, e finalmente, masoquismo erógeno e desamparo que postula terem uma relação estrita com a feminilidade. Foi a partir dessa articulação teórica que Birman pôde alinhar a cartografia da feminilidade que, em sua visão, refletiria o solo da experiência psicanalítica.

O autor atenta para a mudança do percurso freudiano em torno dos anos 20, momento em que Freud redireciona seu olhar para a dimensão econômica do psiquismo e traz novas contribuições acerca da teoria das pulsões. Na nova concepção freudiana, desvincula-se totalmente a pulsão da representação, estando então presente no aparelho psíquico um pólo pulsional e não apenas sistemas de representação (Birman, 1996).

Assim, ao separar a força (Drang) de seus representantes-representação e enunciar que para se construir o circuito pulsional seria necessário um trabalho capaz de articular a força com o universo da representação, o discurso freudiano rompia com a concepção antiga de pulsão e se entreabria inequivocadamente para o universo da invisibilidade (Birman, 2001, p.236).

De fato, a noção de força pulsional remete à idéia de irrupção, que obriga o sujeito a realizar um trabalho sobre as excitações a fim de estabelecer ligações entre os objetos e a pulsão. Isto se dá uma vez que o pólo pulsional está constantemente presente no psiquismo. Destacamos, desta forma, o campo das pulsões parciais presentes nas diversas zonas erógenas, que fundamentam a própria noção de sexualidade. Isto significa dizer que, ao mesmo tempo em que o sexual se faz presente nas diversas zonas erógenas, ele se constrói na relação com o outro, pois o corpo por si só não detém as possibilidades para se satisfazer, sendo necessária a presença do outro para mediar suas demandas. Portanto, o movimento inicial da pulsão a princípio tende para a descarga absoluta. Na medida, porém, em que a força pulsional encontra um outro para mediá-la e estabelecer possíveis ligações, produzem-se então marcas no organismo que retornam para o próprio corpo do sujeito.

Nesse sentido, a tendência originária do organismo seria a morte, a ausência de vida. Esta somente seria desviada pelo investimento do outro, isto é, seria somente por meio dos cuidados maternos que a força pulsional seria remanejada no interior do organismo e se ligaria aos objetos oferecidos pelo outro, ordenando-se em experiência de satisfação. Logo, a vida se torna possível sempre por meio da mediação do outro (Birman, 2001).

É no momento mesmo de constituição psíquica que prevalece o registro do eu real originário, próprio da feminilidade tal qual concebida por Birman (1999, 2001), caracterizado pela dimensão quantitativa da pulsão, por onde ocorre o processo de erotização e de abertura para a constituição de novas marcas psíquicas. Nesse registro, abre-se espaço para a manifestação de novas formas sublimatórias. Dessa forma, erotização e sublimação caracterizam o registro psíquico da feminilidade. Homens e mulheres, contudo, resistem aceder a essa posição, justamente porque ela põe em questão as referências fálicas. Este também é o território da experiência psíquica do masoquismo erógeno (primário), no qual o sujeito se depara com sua dor e sua insuficiência, o que remete, por um lado, para a dimensão traumática, e, por outro, para as dimensões eróticas e sublimatórias que representam novas possibilidades para o sujeito.

Assim, o masoquismo erógeno indica um outro modo de relação com o desamparo, pois o sujeito entra em contato com sua dor no que há de traumática,

ao mesmo tempo, em que tem a possibilidade de se haver com a experiência do desejo. Nas palavras de Birman:

Portanto, a leitura da condição humana como permeada como um todo pelo trauma e pelo masoquismo primordial, enquanto formas originárias de subjetivação, seria a transposição da retórica econômica da metapsicologia freudiana para uma reflexão cerrada das modalidades de subjetivação e suas possibilidades. Com efeito, pela experiência do trauma e do masoquismo primordial, o sujeito busca criar uma gramática subjacente para lidar diretamente com as forças pulsionais e as intensidades invisíveis. A conjugação da totalidade desses procedimentos, dos processos de subjetivação e da retórica econômica constituiria o território metapsicológico daquilo que o discurso freudiano denominou finalmente feminilidade. (2001, p.239)

A feminilidade aparece então como uma outra terminologia para se referir ao masoquismo erógeno, entendida aqui como o território de onde emergem as intensidades e as forças pulsionais, em busca de novas ligações e possibilidades sublimatórias. Nesse registro psíquico, contudo, a dor se impõe ao sujeito a partir do momento em que a identificação fálica é colocada em questão. É por esse aspecto que a dimensão traumática se revela, apontando também o terreno onde a erotização se faz presente, e permite ao sujeito inscrever-se de uma outra maneira. Dessa forma, Birman (1999, 2001), ao traçar a cartografia da feminilidade, desenhou diversos territórios que vão desde o desamparo à sublimação, colocando em relevo então a possibilidade de manifestação do erotismo de diferentes formas no processo de subjetivação.

É nesse sentido que reconhecemos o território da feminilidade em que se faz presente o jogo erótico e a criatividade, ligados ao trabalho necessário em direção ao outro. A feminilidade surge, então, como uma porta para a sublimação. Para realizar tal interpretação, Birman se vale da especulação freudiana feita no ensaio sobre Leonardo da Vinci (Freud, 1911), em que o conceito de sublimação implica na passagem direta da pulsão sexual perverso-polimorfa para o registro da criação, sem que seja necessária a passagem pelo recalque. A novidade então seria essa passagem direta, que promove uma conjugação entre o erotismo e a sublimação. Esse seria o solo frutífero da feminilidade em que estão presentes sempre mesclados o erotismo e as possibilidades sublimatórias. A feminilidade envolve então os destinos da pulsão, sendo “... a revelação do que existe de erógeno no desamparo, a sua face positiva e criativa, isto é, o que este possibilita ao sujeito nos termos de sua possibilidade de se reinventar permanentemente” (1999, p. 52).

Não à toa, o último subtítulo do livro, *Gramáticas do Erotismo* (2001) é intitulado de *Recomeçar* referindo-se aquilo que melhor define esse território próprio da condição humana, uma vez que não podemos escapar da incompletude, da insuficiência e das oscilações inerentes à nossa condição de sujeitos, que nos indicam sempre um caminho a atravessar, permeado pela dor e pelo trauma, mas que dá vazão às nossas potencialidades criativas. É dessa maneira que vislumbramos uma composição singular-erótica para o campo da subjetividade.

2.2. O território do feminino: nos registros da experiência e da alteridade

Dentro dessa linha de pensamento e tendo por base a obra de Birman e de psicanalistas como Schneider e David-Menárd, Arán (2001, 2002) propõe uma leitura para feminilidade que releva justamente a noção de singularidade. Ao analisar a obra desses três autores, observa a produção de um deslocamento da temática da feminilidade no interior da própria psicanálise que tece novos territórios para pensar a experiência subjetiva. Arán (2002) destaca então três elementos em comum apresentados por esses autores:

a crítica à centralidade do Édipo e do complexo de castração na teoria psicanalítica, fundamentada no primado do falo e no recalque da feminilidade para ambos os sexos; a releitura da idéia de corpo erógeno na teoria freudiana com objetivo de fundamentar metapsicologicamente a idéia de um excesso pulsional; e a proposta de pensar a subjetivação a partir da estética, tendo como paradigma o texto “*Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*”, no qual Freud contrapôs a idéia de sublimação à de recalque” (2002, p.85).

Acreditamos que a articulação desses aspectos compõe uma nova forma de pensar a feminilidade, como também lança a proposta de uma ampliação do campo psicanalítico. Assim, com base nesses pressupostos teóricos, Arán tece uma abordagem singular na sua concepção de feminilidade, chamando nossa atenção para “a radicalidade de algo que, embora anunciado, permaneceu encoberto” (2002, p.85) na teoria psicanalítica. Baseada na concepção benjaminiana, enfatiza o registro da experiência e, sobretudo, o registro da alteridade, especificamente, no ponto em que se articula com o conceito de pulsão.

Destacando a relação das duas categorias, realiza então uma analogia entre a noção do eu real originário, o conceito de experiência de Benjamin e o trecho de um breve capítulo de *Esau e Jacó* de Machado de Assis em que se encontram referências ao período da infância. Nela registra-se a experiência com brinquedos e amas-de-leite, que remete às origens, mas precisa ser deixado para trás (“recalcado”), para alcançar o que interessava que era descrever os que esses meninos se tornariam. Essa descrição está de acordo com as exigências e projetos da Modernidade. Daí, a aproximação da autora das teses de Walter Benjamin (1994, 2000), em sua leitura crítica da Modernidade, onde se recalca a experiência sensível e o erotismo em nome da técnica e da intelectualidade. Assim, Arán comenta a forma machadiana de tropeçar nos detalhes, por onde o autor apresenta o universo lúdico feminino da primeira infância, fazendo de sua narrativa um contraponto à forma de ser do mundo moderno.

O leite, o peito, os brinquedos e as amas-secas sem nome formam uma constelação do universo lúdico da primeira infância que constitui o território estranho-familiar do feminino (Arán, 2002, p.65).

Para Arán (2001, 2002), a descrição do universo da primeira infância carrega em si a experiência do feminino, apresentando um território em que se combinam elementos como o lúdico, o estranho-familiar e uma gama de objetos que circunscrevem o feminino, mas que, no entanto, devem passar despercebidos, ser esquecidos (recalcado) em nome de uma sociedade que propõe o afastamento da experiência sensível. Nesse sentido, a autora considera a perda da experiência sensível e o afastamento do território feminino da primeira infância como dois elementos excluídos na forma de subjetivação moderna.

O universo da primeira infância carrega em si a dimensão afetiva e pulsional que se instaura na relação da mãe com o filho(a), constituindo o território erógeno da feminilidade. É a experiência de prazer que está em jogo na relação do bebê com o outro materno, que faz parte do processo de constituição do sujeito. É nesse sentido que Arán recorre à dimensão do eu real originário na medida em que este está ligado à primeira experiência do sujeito, construída na relação com o outro, por onde se imprime um conjunto de traços estabelecidos pelo circuito pulsional. Esse registro é considerado o lugar psíquico da experiência do afeto, ligado à intensidade, tratando-se de um campo sempre aberto a novas impressões em relação às marcas mnêmicas já existentes. Daí, a ênfase no

período da infância como um momento em que se apresentam a dimensão afetiva e pulsional que compõem o universo da primeira infância.

Dentro dessa visão, segue a noção de experiência desenvolvida por Benjamin, que se fundamenta na idéia de uma experiência real e acumulada, sem a intervenção da consciência (*Erfahrung*). Na visão de Benjamin, *Erfahrung* se traduz como “o conhecimento obtido através de uma experiência que se acumula, que se prolonga, que se desdobra, como numa viagem; o sujeito integrado numa comunidade dispõe de critérios que lhe permitem ir sedimentando as coisas com o tempo” (Benjamin 1955b, p.146 *apud* Arán, 2002, p.61). Interessante é essa concepção que vislumbra a noção de experiência como algo que se prolonga e desdobra, implicando um tempo relativo ao acontecimento, que escapa ao plano da consciência. Dessa idéia surge a noção de “memória involuntária” e “que tem seu motor na alteridade”(Arán, 2002, p.62).

De acordo com Arán, Benjamin, com o objetivo de dar consistência à sua idéia de “memória involuntária”, utiliza uma das hipóteses freudiana sobre o funcionamento do aparelho psíquico, formulada a partir da noção de que “a consciência surge no lugar da impressão mnemônica”. Nessa proposição, consciência e memória se excluem mutuamente, pois a primeira refere-se a um conjunto de informações organizadas pela lembrança, enquanto a segunda se aproxima da noção de experiência, formada por um conjunto de traços constituintes da narrativa de cada um (p.62).

Arán, aprofundando ainda mais a concepção benjaminiana de experiência, pondera os diferentes momentos que Freud abordou a hipótese do funcionamento psíquico, comentando o ensaio sobre *Uma nota sobre o bloco Mágico* (1925). Nele formula a existência de dois sistemas: o sistema perceptivo-consciente (Pcpt-Cs), sempre apto para receber percepções, porém sem reter nenhum traço permanente delas; e, os “sistemas de percepção”, por onde se recebem os traços permanentes das excitações, tratando-se de um sistema que possui “uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços permanentes” (Freud, 1925, p.244 *apud* Arán, 2002, p.63).

Em seguida, a autora recorre às primeiras formulações de Freud, na *Carta 52*, sobre a descrição dos estratos da alma, onde o autor realiza uma distinção entre a percepção e os “signos da percepção”. A percepção não conserva nenhum traço do acontecimento, enquanto os “signos de percepção” constituem o primeiro

registro das percepções, incapazes de se tornarem conscientes. Estes são de extrema importância, pois remetem às primeiras experiências de prazer ou de dor vividas, configurando o que é mais próprio daquele sujeito. Acrescenta que essa mesma elaboração pode ser encontrada sob um outro enfoque no texto de 1915, quando Freud postula o registro do eu real originário, por onde se pode pensar nas primeiras inscrições da pulsão. Dessa forma, a partir da noção benjaminiana de experiência articulada ao conceito freudiano de eu real originário é que se concebe a presença no sujeito de um registro singular constituído na relação com o outro. Estabelecendo, assim, uma composição única para cada sujeito, em que estão em jogo o caráter pulsional (as intensidades) e a constituição de traços no psiquismo (noção de experiência), é que vislumbramos o território estranho e familiar do feminino proposto por Arán.

Enfim, o que essa autora aponta é que a forma de pensar a subjetivação na Modernidade implica justamente em tentar apagar o território erógeno do feminino, como o registro da experiência sensível em nome de um modelo de subjetivação que não dá margem para o que é da ordem do singular. Dessa forma, Arán (2001) destaca o pensamento de Schneider (1980) que observa essa operação (abandono do singular em prol de um modelo único) presente no interior da obra freudiana, ao analisar as cartas 69, 70 e 71 endereçadas a Fliess durante a auto-análise de Freud. Schneider (*apud* Arán, 2001) enfatiza o momento em que Freud referiu-se ao abandono de sua “neurótica”, isto é, ao abandono da teoria da sedução em nome do complexo de Édipo. Comenta que Freud começa a teorizar sobre o Édipo justamente no momento em que abandona a narrativa de sua própria história singular descrita por meio de sua relação com a babá, considerada, pois, seu “originador primordial” (Freud, 1897, p.360), para então se voltar para a construção de uma teoria universal. A hipótese de Schneider indica que, em um primeiro momento, a experiência do prazer excessivo surge como fundante do sujeito, sendo narrada por Freud por intermédio de sua relação com a babá, tida como “fonte de vida e de morte” (carta 70); esta experiência cede lugar, a partir do Édipo, a um empreendimento voltado para o domínio do princípio do prazer. Assim, nos primórdios da concepção freudiana estaria presente a experiência de um prazer excessivo, para em um segundo momento dar lugar a uma teorização sustentada pela necessidade do domínio do prazer inicial, em nome de uma sociabilidade que se funda no exercício da autoconservação (Schneider, 1980,

p.53 *apud* Arán, 2001, p.55). Nesse sentido, Arán aponta para uma forma de subjetivação fundamentada pela ausência de referência ao feminino e ao que é da ordem do singular, como pode-se constatar em suas palavras:

Com efeito, “tornar-se homem acabado” faz pensar em uma forma de subjetivação ancorada na perda da experiência sensível e no afastamento do território feminino da primeira infância. Essa fórmula ganhou o estatuto de referência na psicanálise, inclusive estabelecendo uma equivalência entre as idéias de sujeito e de masculino. Não por acaso – já que tornar-se homem é quase uma evidência –, o impasse da teoria psicanalítica no que se refere à questão da diferença sexual foi pensar “como a menina se torna uma mulher”, ... e que permaneceu até o fim de sua elaboração sobre a sexualidade feminina. Dito de outro modo, a passagem da teoria da sedução para a teoria do Édipo torna possível perceber como a operação constitutiva dessa forma de subjetividade que tem o masculino como referência passou a se pautar pelo recalque e pela renúncia pulsional (Arán, 2002, p.66).

Com isto, Arán atenta para uma forma de subjetividade que tem por referência o masculino e a teoria do Édipo, caucionados nas noções de recalque e de renúncia pulsional – considerados os principais alicerces da construção psicanalítica. Dessa maneira, a proposta dessa autora consiste em, por meio do registro da experiência e da alteridade, resgatar o que Machado de Assis denominou de estranho-familiar território do feminino, enfatizando a plasticidade e o indeterminado da relação com o outro, por onde se produzem experiências de prazer e dor. Refere-se à constituição de marcas psíquicas ligadas aos destinos da pulsão e à configuração de um campo sempre aberto a novas possibilidades de experiências e inscrições no encontro com a alteridade.

Em suma, tanto Birman (1999, 2001) quanto Arán (2001, 2002) sinalizam a possibilidade de se pensar o campo da subjetivação de forma mais ampla, pois além da subjetivação calcada no modelo fálico-édípico, em que estão em jogo o recalque e a renúncia pulsional, há outras maneiras de se tecer o processo subjetivo, desenhado pela nova cartografia de feminilidade. Assim, no horizonte da contemporaneidade criam-se brechas na teoria psicanalítica que permitem vislumbrar a presença de novas formas de subjetivação, que não a referência exclusiva a um único modelo dominante. Na nova cartografia não há referência ao falo. Nela estão presentes as noções psicanalíticas de masoquismo erógeno e do eu real originário, territórios em que se apresenta a dimensão quantitativa da pulsão e do afeto que, por sua vez, se articula ao conceito de sublimação, na concepção em que se destaca a passagem direta da pulsão sexual ao registro da criação. Dessa

forma, há a possibilidade da pulsão mesclar-se à sublimação, apontando o solo fértil apresentado na nova leitura da feminilidade (Birman, 1999, 2001).

É nesse contexto que se retrata a leitura crítica de vários psicanalistas que apontam o impasse presente na teoria freudiana sobre a sexualidade feminina, fundada no primado do falo e na marca da inveja do pênis, como constitutiva do psiquismo feminino. E, acima de tudo, na concepção de feminilidade representada pela maternidade como o efeito de uma dinâmica inconsciente agenciada pelo desejo de ter um pênis, o qual fora substituído pelo desejo de um filho (assunção da condição feminina em Freud).

Dessa forma, refletir sobre a teoria freudiana da feminilidade exige nos situar no tempo, isto é, apresentar as condições históricas e culturais que caucionaram o pensamento freudiano na construção de suas formulações, pois sua teorização se aproxima dos padrões de feminilidade de sua época. Esse tema será desenvolvido no próximo capítulo, onde apresentaremos a concepção de uma natureza feminina associada à mulher como um elemento que teve importante participação no dizer psicanalítico a respeito das mulheres e de seu destino no final do século XIX. Junto a isso, apresentaremos a série de transformações sociais presentes nesses dois últimos séculos, que contribuíram para o surgimento de novas possibilidades na vida feminina por meio de uma maior participação social e da atuação na esfera do trabalho (âmbito público), introduzindo outras formas da mulher se relacionar com sua feminilidade, que não exclusivamente pela via da maternidade. Birman (1999) vislumbra a presença de uma nova versão, em que ressalta o seu reencontro com o desejo, com a erogenidade e com a criatividade. Resta-nos saber se essa nova configuração atinge as mulheres em nossa sociedade como um todo ou faz parte da minoria. Esta questão ganha relevo na empreitada de investigar a subjetividade da mulher rural e a sua relação com a feminilidade.